



7º Dia Nacional da Diaconia

4 de maio de 2003



Departamento de Diaconia
Igreja Evangélica de
Confissão Luterana no Brasil



Nosso mundo tem Salvação

“Deus enxugará dos olhos toda lágrima”
Apocalipse 21.4



7º Dia Nacional da Diaconia

4 de maio de 2003

Departamento de Diaconia da IECLB. Caixa Postal 2876 CEP 90001-970 Porto Alegre
Fone: 51 3221-3433 www.diaconia.ieclb.org.br E-mail: diaconia@ieclb.org.br

Revisão e Editoração: Jornalista Ricardo Fiegenbaum/Verbo PontoCom (51-591-4546)
Apoio: Fundação Luterana de Diaconia

O Domingo *Misericórdia Domini* (A *misericórdia do Senhor*) foi a data escolhida para a celebração, em toda a IECLB, do Dia Nacional da Diaconia. Aprovada pelo Conselho Diretor, a data é festejada anualmente, desde 1997. Este ano, o Dia Nacional da Diaconia será em 4 de maio.

A finalidade do Dia Nacional da Diaconia é promover a reflexão sobre a Diaconia como algo que faz parte da essência da Igreja e como resposta de fé ao serviço de Jesus em favor da humanidade.

A cada ano, o Departamento de Diaconia tem elaborado subsídios para a reflexão comunitária e a celebração litúrgica nesta data. Este ano estamos propondo uma reflexão a partir do tema da IECLB.

O tema e o lema da IECLB para 2003 – *Nosso Mundo tem Salvação – Deus enxugará dos olhos toda lágrima* – fala de esperança. E esperança é matéria prima da Diaconia. O serviço da Igreja ao mundo é, justamente, anunciar, em palavra e em ação, que,

apesar dos indícios em contrário, toda a criação de Deus, este mundo, tem remédio, tem cura, tem salvação. A garantia dessa afirmação está no fato de que Deus enxugará – e vem enxugando – as lágrimas que vêm do sofrimento e das dores deste mundo.

Com base neste tema, estamos apresentando para este ano seis estudos, enfocando seis aspectos do tema do ano. Eles são acompanhados de uma foto que também poderá ser utilizada como recurso metodológico para a reflexão dos grupos.

Neste material do Departamento de Diaconia você vai encontrar os seguintes temas: *Toda lágrima será enxugada; Saúde cura e salvação: Deus manifesta o seu reino; Vida abundante: O Tesouro da Ilha; Construindo desenvolvimento sustentável; O Espírito vem pelas águas; e Tua dor. Minha dor.*

Com o apoio da Fundação Luterana de Diaconia (FLD), colocamos em suas mãos este material, na esperança que ele ajude a proclamar a salvação do mundo através da ação diaconal.

Toda lágrima será enxugada. Deus enxugará dos olhos todas as lágrimas. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor. As coisas velhas já passaram (Apocalipse 21.4). As lágrimas são secreções das glândulas lacrimais. Um líquido sem coloração, composto de sais de sódio e de cálcio. Elas lubrificam o globo ocular e removem partículas irritantes. Seu aumento se dá devido a certos tipos de carga emocional.



Saúde, cura e salvação: Deus manifesta o seu Reino. Saúde e doença fazem parte do cotidiano das pessoas. Também o povo do tempo bíblico ocupava-se com questões de saúde. Jesus dedicou muito tempo de sua vida aos que sofriam diferentes males. O termo saúde e significa salvação. Saúde tem a ver com a arte de ser feliz.



Vida abundante: O Tesouro da Ilha. Lá, no meio do oceano, havia uma ilha. Tinha belas praias, um mar generoso de frutos, terra fértil e clima bom. O povo que a habitava era bonito, de boa índole, ordeiro e trabalhador. Um dia apareceu na praia uma garrafa. Dentro da garrafa tinha um papel. No papel havia um mapa e uma anotação a punho.



Construindo Desenvolvimento Sustentável.



O compromisso com desenvolvimento sustentável fundamenta-se e é impulsionado pela fé que cristãos confessam no trino Deus. O Espírito de Deus pairava sobre a face das águas, e através da Palavra pronunciada na criação (Gênesis 1.2ss) Deus criou tudo o que existe – o cosmo, a natureza, todas as criaturas, as plantas, e os seres humanos – formando uma rede de vida interdependente.

O Espírito vem pelas águas.



Hoje nós temos seis bilhões de seres humanos no planeta Terra, dos quais dois bilhões não têm acesso à água potável por causa da poluição, do desrespeito à natureza, do desmatamento, da destruição das matas ciliares, queimadas, etc. Segundo: devido à mercantilização e a privatização da água.

Tua dor. Minha dor.



O ditado popular diz que “a dor ensina a gemer”. Supõe-se que assim, a dor tem a capacidade de nos ensinar alguma coisa sobre a nossa vida. Diz-se também que o sofrimento serve como forma de depuração. Por esta afirmação, quem sofre torna-se melhor. O curioso é que, apesar disso, ninguém gosta de sofrer. Ninguém quer sentir dor.



**Toda lágrima
será enxugada**



Foto: AFP/AP/Reuters

4 de maio de 2003

7º Dia Nacional da Diaconia



Toda lágrima será enxugada

Deus enxugará dos olhos todas as lágrimas. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor. As coisas velhas já passaram (Apocalipse 21.4). Conforme a *Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia*, as lágrimas são secreções das glândulas lacrimais. Um líquido sem coloração, composto de sais de sódio e de cálcio – derivado do soro do sangue. Elas lubrificam o globo ocular e removem partículas irritantes. Seu aumento se dá devido a certos tipos de carga emocional.

Na Bíblia o aspecto emocional da formação das lágrimas ocupa um espaço importante. Davi pede a Deus que guarde as suas lágrimas em seu Odré (I Samuel 21.10-15. Veja ainda o Salmo 6.6). Jó derrama as suas lágrimas diante de Deus (Jó 16.20). Jeremias fez várias referências aos seus olhos que vertiam lágrimas. (Veja 13.17 e 14.17). No novo Testamento temos citações como: Lucas 7.38 onde uma pecadora arrependida utilizou as suas lágrimas para lavar os pés de Jesus. Lágrimas foram derramadas diante de Jesus por um pai em favor de seu filho surdo e mudo. (Marcos 9.24). Muitas vezes Jesus mesmo orava com lágrimas (Hebreus 5.7).

A ênfase deste estudo é a ligação da Diaconia com o lema do ano 2003 da IELCLB. A referência é: "Deus enxugará toda a lágrima de seus olhos" (Apocalipse 21.4). As lágrimas aqui representam a tristeza humana, as tragédias, todo o mal. Um dia, esta realidade não mais precisa existir. Deus fará novas todas as coisas. Assim cremos.

"Um lencinho não dá para enxugar o rio de lágrimas que tenho para chorar", diz a canção popular. Como Igreja Cristã temos uma tarefa que é testemunhar esta realidade do novo céu e nova terra já aqui e agora. Com o projeto de Cristo ao mundo iniciamos um novo modo de viver. Cristo veio para trazer a PAZ. Levar esta PAZ a outros é levar uma nova maneira de viver. Somente convencemos outras pessoas desta verdade se nosso falar e agir são coerentes. Assim sendo, o nosso testemunho se torna concreto.

Na diaconia de Jesus, nós somos aceitos como somos e "servidos" com a salvação. Esta salvação é integral e nos liberta para servir. Enxugar lágrimas é ação. É pôr mãos à obra é praticar diaconia. Na forma de verbo seria DIACONAR.

Olhe em seu redor e procure ver como está o seu diaconar? Que tipo de lágrimas podemos enxugar? Que lágrimas podemos evitar? Que tipo de lágrimas podemos chorar juntos, isto é, onde e como podemos ser pessoas mais que solidárias?

Hildegart Hertel, Diaconisa e Psicóloga
Diretora do Departamento de Diaconia
da IELCLB

TÉCNICA:

1) Procure lembrar algum momento na sua vida no qual lágrimas caíram de seus olhos e alguém as enxugou. Este "enxugar" pode ser figurativamente como um colo, um abraço, uma palavra de conforto.

2) Procure igualmente um momento no qual aconteceu o contrário, ninguém ao seu lado para compartilhar a dor.

3) Faça uma comparação entre os dois acontecimentos.

4) Reparta os sentimentos com o seu grupo.

Bibliografia:

Champlin, R. N., Bentes, J. M. –
Enciclopédia de Bíblia, Teologia e
Filosofia, Vol 3, São Paulo 1991
(Editora e Distribuidora Candeia).
George Ladd, Apocalipse Introdução e
Comentário - São Paulo: Mundo
Cristão.

Saúde, cura e salvação Deus manifesta o seu Reino



Foto: Arquivo Departamento de Diaconia

4 de maio de 2003

7º Dia Nacional da Diaconia



Saúde, cura e salvação

Deus manifesta o seu Reino

Saúde e doença fazem parte do cotidiano das pessoas. Também o povo do tempo bíblico ocupava-se com questões de saúde. Jesus dedicou muito tempo de sua vida terrena aos que sofriam diferentes males. O termo saúde vem do latim *salute*, e significa *salvação*. Saúde tem a ver com a arte de ser feliz entre as alegrias e as dificuldades da vida. Fazem parte de um estado geral de saúde: a auto-estima, a confiança, a capacidade de amar a si e aos outros, capacidade de sofrer, o círculo de amigos, o trabalho e o lazer, a fé, o sentido de vida. Já doença é *holiy* e tem a ver com fragilidade. No Antigo Testamento (AT) a doença é reconhecida como força que produz a morte. Inclui exploração, injustiças, opressão, etc.

A Bíblia mostra que cura e salvação acontecem de forma integrada. Somos salvos como pessoas integralmente, sem separação entre o físico e o espiritual. Salvação tem a ver com o direcionamento salvífico de Deus, que acolhe a pessoa como um todo. Logo, toda cura expressa a vitória de Deus sobre a morte.

Na época do AT, acreditava-se que a raiz das enfermidades era o pecado. Muitos pais ainda hoje se culpam por terem uma criança especial. Mas Jesus, ao ser perguntado a respeito da culpa de um cego de nascença que curou, disse: “nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestasse nele a glória de Deus” (Leia João 9.1-12). Isso confirma que a doença não tem, necessariamente, a sua origem no pecado. Ao curar, Jesus usa elementos da natureza e envolve a pessoa no processo da sua própria cura. Também uma pessoa com limitações físicas ou psíquicas foi criada à imagem e semelhança de Deus e ele a quer usar no testemunho de seu amor.

Na história do parálítico em Cafarnaum, Jesus o chama de FILHO e lhe oferece ajuda integral (Marcos 2.1-12). O parálítico tem amigos. Tem, de certo modo, uma comunidade atrás de si que lhe presta ajuda, que é lhe solidária. Em ambas as curas Jesus envolve a pessoa no processo e lhe dá tarefas.

Jesus vê a pessoa de forma integral, na realidade em que ela se encontra e reconhece os seus anseios mais profundos. Ele integra a espiritualidade com a corporeidade. Jesus Cristo veio ao mundo para reconciliar todas as pessoas com o Pai e, com isso possibilitar a reconciliação de pessoa para pessoa. Culpas podem criar barreiras entre as pessoas e entre Deus. O perdão liberta, dá forças para carregar fardos e sofrimentos. Libertação de culpa e pecado pode transformar a vida, devolver a alegria, a saúde e o bem-estar. A pessoa que assim é libertada, perdoada, recupera a saúde e é chamada a envolver-se com as situações de sofrimento de outras pessoas, colocando-se a serviço.

Ao parálítico, Jesus diz: “Levanta-te, toma o teu leito, e vai para casa”. Ao cego diz: “Vai, lava-te...!”. Quantas vezes nós precisamos de admoestações e incentivos! O apóstolo Paulo aprendeu a conviver com as limitações e a confiar inteiramente em Deus. Ele admitiu que a sua deficiência o ajudava a permanecer humilde. Por três vezes pediu insistentemente para ser curado (2 Coríntios 12.7s), mas a cura não aconteceu. E nisso ele viu que a graça de Deus lhe era suficiente.

A culpa pode afligir as pessoas, pode destruir relacionamentos e provocar doenças. Por isso precisamos do perdão e do abraço de Deus diariamente, para transformar as nossas deficiências e fragilidades em força e bênção. Assim, perdoar e aceitar o perdão faz parte do processo de cura.

Gisela Beulke, Diaconisa Ms e professora da Escola Superior de Teologia, em São Leopoldo

TÉCNICA:

Individualmente ou em grupo, refletir sobre:

1. Sua vida pessoal: já se sentiu doente, excluído, triste, esquecido? Quem lhe ajudou nesta situação? Como foi esta ajuda?

2. A quem você já ajudou? Como foi esta ajuda? Libertou a outra pessoa? Possibilitou que ela pudesse assumir a sua vida e decidir livremente a sua caminhada?

3. Que barreiras existem dentro de você, existem entre você e pessoas que lhe estão próximas? Que barreiras existem entre você e Deus?

4. Participar do processo de cura significa, também: falar bem das outras pessoas, destacar as suas qualidades, exercitar o perdão e a acolhida, orar pelas outras pessoas e envolvê-las no amor de Deus, ajudar para que resgatem a sua cidadania e assumam a sua própria história. Como você e seu grupo colaboram nisso?

5. Como você relaciona: cura e salvação?

6. Como você e seu grupo podem levar cura e salvação às pessoas da sua comunidade, da sua cidade, da sua vizinhança?

O tesouro da ilha Vida abundante



Foto: Arquivo Departamento de Diaconia

4 de maio de 2003

7º Dia Nacional da Diaconia



O tesouro da ilha

Vida abundante

Lá, no meio do oceano, havia uma ilha. Tinha belas praias, um mar generoso de frutos, terra fértil e clima bom. O povo que a habitava era bonito, de boa índole, ordeiro e trabalhador. Cada homem e mulher do povo contribuía com o que tinha e como podia para a prosperidade da ilha e ninguém passava necessidade, porque tinham tudo em comum. Não havia entre eles discórdia nem vaidade nem cobranças. E todas as pessoas, com necessidades especiais ou não, eram tratadas de modo digno. As diferenças eram valorizadas e respeitadas como traço característico e peculiar do ser humano.

Um dia apareceu na praia uma garrafa. Dentro da garrafa tinha um papel. No papel havia um mapa e uma anotação a punho. O achado foi imediatamente levado ao Conselho de Anciãos da Ilha. Apreensivo, o conselho convocou o povo para divulgar o conteúdo da carta. O arauto, então, leu, em tom solene, a mensagem que veio do mar:

"No meio do oceano tem um tesouro. Não é prata nem é ouro.

Mas a quem o achar nada mais lhe faltará.

Siga as estrelas, siga o coração, e o lugar haverá de encontrar".

Depois desenhou na parede o mapa de estrelas. Quando terminou, houve grande murmuração entre o povo. "Um tesouro! Um tesouro!", diziam.

Naquela noite ninguém dormiu. Em cada lugar havia alguém olhando as estrelas. Entre o povo, o tesouro ia se tornando desejo, ambição, cobiça. Quando amanheceu, havia uma movimentação muito diferente na ilha. Logo, estavam todos disputando espaços e informações mais precisas sobre o tesouro. Ao final do dia, ninguém o havia encontrado, mas muitos já haviam perdido o brilho dos olhos. No outro dia, muita gente já estava fora da busca. E daí em diante foi se conformando uma nova ordem na ilha e uma nova lei: a ordem de classes e a lei do mais forte.

Pela nova ordem, as praias, os frutos do mar e a terra fértil estavam reservados aos mais fortes e capazes. Assim, a fartura e a abundância passaram a ser bênção de Deus ou destino e a pobreza e a doença, vontade divina ou castigo. Por causa disso, alguns diziam ter encontrado o tesouro, porque viviam em abundância. Outros, contudo, se achavam desafortunados porque não tiveram a mesma sorte.

Lá, no meio do oceano, estava a ilha. Mas já não tinha mais praias tão belas, nem o mar era tão generoso, nem a terra produzia suficiente nem o clima era bom. E o povo havia perdido a sua beleza. Na busca do tesouro, as pessoas o haviam perdido. Mas não se davam conta disto.

Até que um dia aportou na ilha um barco com um único tripulante. Trazia um pedaço de papel com um mapa de estrelas e um manuscrito. Desembarcou e recitou: "No meio do oceano tem um tesouro. Não é prata nem é ouro. Mas a quem o achar nada mais lhe faltará. Siga as estrelas, siga o coração, e o lugar haverá de encontrar". "Sim", disse o marujo, "é aqui, não tenho dúvidas. Este é o lugar e o tesouro de que fala o manuscrito."

"Não pode ser", retrucou um ilhéu. "Procuramos a vida toda e não o encontramos."

"Porque vocês seguiram apenas as estrelas e esqueceram de ouvir os seus corações. Vocês tinham um tesouro e o desperdiçaram. Agora é preciso converter o coração, mudar a atitude, reformular a ordem e a lei. Aí vocês vão encontrar o seu tesouro e jamais haverá de novo falta, exclusão ou necessidade entre vocês."

Ricardo Fiegenbaum, jornalista e teólogo
Colaborou: Vera Walber e Carla Jandrey
do Departamento de Diaconia - PPD

TÉCNICA I:

Material: Papéis e uma caixa com tesouro

1. Colocar numa caixa alguma surpresa

2. Distribuir entre os participantes os papéis com as seguintes perguntas:

a) O que há na caixa?

b) Qual a cor do objeto na caixa?

c) Pertence a quem?

d) Em nossa região há pouco ou muito?

e) A quem você daria?

f) Que tamanho tem?

g) Que valores sugere o objeto?

3. Trocar as folhas com as respostas com o companheiro/a do lado.

4. Abrir a caixa de surpresas

5. Ouvir as respostas e perceber quem mais se aproximou do tesouro.

6. Refletir em duplas ou em grupos sobre: a) quais são os valores da nossa sociedade, da nossa comunidade, da nossa família, do nosso grupo?;

b) quais são os meus tesouros ou os da minha comunidade?; c) o que eu ou a comunidade estamos fazendo com este tesouro? (Adaptado de: Pe.

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

TÉCNICA II:

Leia a história para o grupo e promova um breve diálogo sobre as seguintes questões: a) qual era o tesouro da ilha?; b) por que as pessoas perderam o tesouro?; c) o que precisavam fazer para reencontrá-lo?

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Canísio Meyer S.J. *Viver e Conviver. Dinâmica e Textos para diferentes momentos.* S.P: Paulus, p72)

Construindo Desenvolvimento Sustentável



Foto: Ingelore Starke Koch

Vede, eu (o SENHOR) crio novos céus e nova terra. Não haverá lembrança das coisas passadas... Não haverá mais nela criança que viva poucos dias, nem velho que não cumpra os seus dias...

Edificarão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão o seu fruto. Não edificarão para que outros nelas habitem, nem plantarão para que outros comam. Não trabalharão debalde, nem terão filhos para a calamidade; pois serão um povo bendito do SENHOR, eles e os seus descendentes com eles. (Isaías 65, 17a; 20a; 21-22a; 23).

4 de maio de 2003

7º Dia Nacional da Diaconia



Construindo Desenvolvimento Sustentável

Se fôssemos reduzir a população do mundo inteiro a uma aldeia de 100 habitantes, utilizando como critério os mesmos padrões usados para o Relatório Anual das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Humano, e mantendo a proporção atualmente existente, teríamos o seguinte quadro:

- 57 asiáticos - 21 europeus
- 14 americanos (norte, centro e sul) - 8 africanos
- 52 mulheres - 48 homens
- 30 brancos - 70 negros, indígenas e asiáticos
- 30 cristãos - 70 não-cristãos
- 6 pessoas possuiriam 59% da riqueza da aldeia (todas seriam dos EUA)
- 80 viveriam em casas e condições inabitáveis
- 70 seriam analfabetas e 1 teria estudo universitário
- 50 sofreriam de desnutrição...

Os dados retratam um modelo de desenvolvimento insustentável e mantê-lo é insano e irresponsável. Não é possível aplicar para dois terços da humanidade os mesmos padrões de consumo praticados pelos países ricos do Hemisfério Norte, liderados pelos EUA. O planeta tem limites e os recursos naturais disponíveis simplesmente não permitem tal reprodução. É o que a ONU e as Conferências sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio 92 e Rio+10/Johannesburgo 2002) vem tentando mostrar ao mundo.

A Federação Luterana Mundial fala de Desenvolvimento Sustentável como um processo de mudanças através das quais se realizam as necessidades e os direitos humanos básicos de indivíduos e comunidades em nossa sociedade, e que, simultaneamente, protegem as necessidades e os direitos humanos básicos (econômicos, sociais, culturais e ambientais) de outras comunidades e de gerações futuras.

Ao explicar este conceito, o Secretário Geral da FLM, Dr. Ishmael Noko, disse que "na verdade, temos que viver hoje como se estivéssemos tomando o mundo emprestado de nossos netos e bisnetos!" Desenvolvimento sustentável se baseia na primazia das pessoas e da natureza no processo de desenvolvimento, que assegure e fortaleça a vida para hoje e para as gerações futuras.

O compromisso com desenvolvimento sustentável fundamenta-se e é impulsionado pela fé que cristãos confessam no trino Deus. O Espírito de Deus pairava sobre a face das águas, e através da Palavra pronunciada na criação (Gênesis 1.2ss) Deus criou tudo o que existe – o cosmo, a natureza, todas as criaturas, as plantas, e os seres humanos – formando uma rede de vida interdependente. E viu Deus "que era muito bom!" (Gênesis 1.31). Criados à imagem de Deus, os seres humanos – homens e mulheres – são chamados a cuidarem responsabilmente – a serem mordomos – a manter e a desenvolver o que Deus criou. Deus equipa os seres humanos com a vida, a dignidade, a liberdade, a capacidade e o necessário conhecimento para participar produtivamente no "lavar e guardar o jardim" (Gênesis 2.15), sempre respeitando um ao outro e os limites da criação. Os seres humanos estão continuamente transformando esta boa criação de Deus na condição de co-criadores, cooperando com Deus na história. Através de tal atividade é mantida a vida em comunidade e sustentada a criação, correspondendo à sabedoria criadora de Deus.

Silvio Schneider,
Pastor, secretário executivo da Fundação
Luterana de Diaconia

TÉCNICA:

Material:

1. Prepare uma mesa com poucos lugares e com alimentos em fartura e variedade (pães, bolos, bolachas, cucas, café, leite, chá, etc.). Quanto mais incrementada e bem arrumada a mesa melhor.
2. Prepare uma segunda mesa com muitos lugares e com apenas uma jarra de água, poucos copos e alguns pedaços de pão.
3. Entre as mesas, faça uma divisória com cadeiras, como uma cerca.
4. Divida o grupo em dois. Em um grupo ficam cerca de 10% das pessoas do grupo todo. No outro, 90%.
5. Peça para cada grupo escolher um líder, que será o porta-voz do grupo e o único autorizado a manter contato com o líder do outro grupo.
6. Coloque o grupo menor na mesa farta e o grupo maior na mesa da água e do pão e diga que comam e bebam à vontade.
7. Dê um tempo de 15 a 30 minutos.
8. Depois reúna os dois grupos e coordene um diálogo sobre o que aconteceu, como se sentiram, o que fizeram para resolver a diferença entre os grupos, que relação a técnica tem com o tema do encontro, o que podemos fazer para resolver o problema da concentração de renda, como essa situação nos afeta e a nossa comunidade.
9. Encerre com a partilha, onde todos podem ter acesso à mesa farta.

O Espírito vem pelas águas

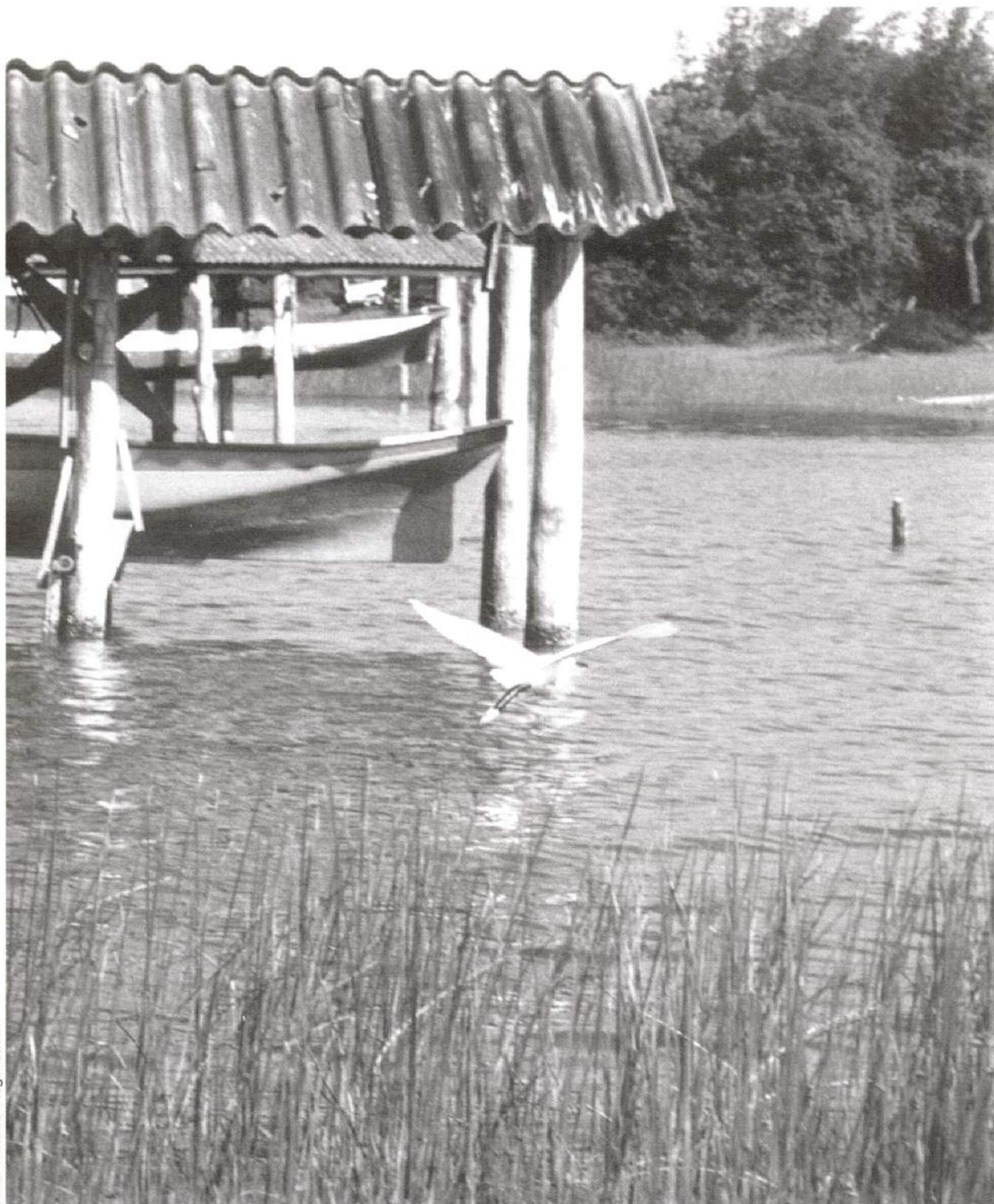


Foto: Ricardo Fiegenbaum

4 de maio de 2003

7º Dia Nacional da Diaconia



O Espírito vem pelas águas

Há dados que indicam que em 25 anos cerca de um terço da humanidade não terá água potável

Marcelo Barros - Hoje nós temos seis bilhões de seres humanos no planeta Terra, dos quais dois bilhões não têm acesso à água potável. Daí decorrem problemas gravíssimos. Por exemplo, de cada cem doenças que existem no mundo 80 – principalmente as que atingem as crianças – estão ligadas ao uso de água contaminada. 75% da sua superfície da Terra é água, mas somente 0,75% é água doce. O mais é água salgada e geleiras. Quando era menino, pensava que a água era uma coisa que não acabava nunca. E hoje a gente sabe que acaba. O rio São Francisco, por exemplo, está com oito metros a menos que a sua vazão normal. E por que isso ocorre? Primeiro: por causa da poluição, do desrespeito à natureza, do desmatamento, da destruição das matas ciliares, queimadas, etc. Segundo: devido à mercantilização e a privatização da água. Quer dizer, a água virou mercadoria e essa mercadoria é privatizada por grandes empresas inclusive multinacionais. Hoje em dia a água é propriedade da Nestlé, da Danone, da Coca-Cola e aí é claro que os pobres não têm acesso à água. Então é preciso democratizar o uso da água.

Qual é o processo para que isto aconteça?

MB – Eu penso que a primeira coisa é a conscientização. Conversar sobre isso ajuda muito. Tem gente que nunca pensou nesse assunto e diz “puxa, eu não sabia”. Segundo, é o pessoal se reunir em comunidades que, a partir da nossa fé cristã ou a partir de um amor à vida, comecem a se organizar em comissões de defesa da água. Em muitos lugares do Brasil já existem comitês de água. Gente que começa a se organizar para democratizar a água e defender as fontes.

No seu livro O Espírito vem pelas Águas você fala da relação da água com a espiritualidade. Como esse tema aparece no seu livro?

MB: O próprio título do livro revela um olhar bíblico, porque a Bíblia começa dizendo: “No princípio, Deus criou o céu e a terra, a Terra era informe e era vazia e o espírito de Deus pairava sobre as águas.” Quer dizer, o sopro de Deus estava, vinha através da água. Eu percebi que em todas as tradições religiosas, mas na Bíblia também, a água é o primeiro veículo da vida. Hoje a ciência diz que a vida veio de dentro d’água. Então a fé nos diz que se a vida vem pela água, a vida divina também. O espírito de Deus também. E no caso do cristão, por exemplo, se a gente renasce, renasce da água e do Espírito Santo, mas é muito mais amplo do que isso. É a própria relação com Deus que se faz através da comunhão com a terra e com a água.

E como isso se estabelece na prática da comunidade?

MB: É preciso mudar a maneira de a gente se relacionar com a água. Quando escovo os dentes com a torneira aberta, eu gasto até 60 litros d’água. Se eu fecho e uso só o que é necessário, eu gasto dez vezes menos. Isso não é um problema meramente de poupança, mas é um problema de respeito. Mas também é preciso mudar o sistema social, político e econômico do mundo. Não pode descuidar do dia a dia, mas ao mesmo tempo também é importante lutar por uma política macro. Eu acho que, cada dia mais, está havendo no mundo uma consciência nova sobre isso e, principalmente, nas comunidades religiosas. A partir da fé as pessoas estão se unindo para transformar o mundo e para transformar a relação com a água e com a terra.

Entrevista de Marcelo Barros, monge Beneditino e assessor das CEBs e da Pastoral da Terra, ao jornalista Ricardo Fiegenbaum

TÉCNICA:

Seguem algumas sugestões de atividades:

1. Junte o seu grupo e organize um passeio às margens de um rio, lago ou arroio próximo à sua cidade.
2. Promova uma reflexão sobre as condições da água, a sua necessidade para a vida e o cuidado que devemos ter para garantir a sobrevivência das próximas gerações.
3. Converse sobre a relação entre o Batismo e a água.
4. Promova um mutirão de limpeza das marges de um rio, arroio ou lago em sua localidade.

Tua dor. Minha dor



Foto: Arquivo IECLB

4 de maio de 2003

7º Dia Nacional da Diaconia



Tua dor. Minha dor

O ditado popular diz que “a dor ensina a gemer”. Supõe-se que assim, a dor tem a capacidade de nos ensinar alguma coisa sobre a nossa vida. Diz-se também que o sofrimento serve como forma de depuração. Por esta afirmação, quem sofre torna-se melhor. O curioso é que, apesar disso, ninguém gosta de sofrer. Ninguém quer sentir dor. Ninguém quer padecer.

Tua Dor. Minha Dor me traz três coisas ao pensamento. A primeira é uma relação de comparação de qualidade: Pode a tua dor ser igual a minha? Pode ser a tua dor maior que a minha? Posso eu sofrer mais do que tu? Lembro da parábola do Filho Pródigo. Na perspectiva de cada um dos filhos, a dor de um era maior que a dor do outro. Mas na perspectiva do pai, a dor do irmão mais novo era apenas diferente da dor do irmão mais velho. E ele, pai amoroso que é, soube acolher cada qual em seu próprio sofrimento. Os irmãos, no entanto, se distanciaram porque um não soube compreender a dor do outro.

A segunda coisa que me ocorre é uma idéia de distanciamento. Se minha dor e tua dor não se comparam e cada qual sofre o que tem que sofrer, então deixe-me com a minha dor e fica tu com a tua. Se eu não compreendo a tua dor e tu não compreendes a minha, melhor é que fiquemos apartados com nossa dor, e a guardemos lá no fundo, escondida de tudo e de todas as pessoas. É a postura do levita e do sacerdote na parábola do Bom Samaritano. Cada qual tem seus problemas e deve virar-se com eles para resolvê-los.

Mas a terceira idéia que me vêm na relação *Tua Dor. Minha Dor* é de identificação. A tua dor é a minha dor. Eu sinto a tua dor como se minha fosse. Tu sentes a minha dor como se tua fosse. Há empatia. Há solidariedade. Quando penso nisso, lembro de duas mulheres na Bíblia: Noemi e Rute. Viúvas, enlutadas, empobrecidas, migrantes. Noemi perdera o marido e os filhos e desejava voltar para a sua terra, para que suas noras, Rute e Orfa, pudessem casar-se de novo e, assim, serem amparadas. Noemi sofre por causa da condição de suas noras. Mas Rute não quer deixá-la. E numa atitude surpreendente e solidária, diz à sogra: “...aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus” (Rute 1.16). E eu acrescentaria: “a tua dor é a minha dor”.

Mas o que é dor? Num sentido mais amplo, todas as dores do mundo, as dores que tu e eu sentimos, são manifestações da condição humana. Todas as dores, a minha e a tua, inclusive, são expressões de uma e mesma dor: a dor da morte, da finitude da vida, que é inerente à nossa condição de pessoas afastadas da comunhão com Deus. Não há, pois, dor maior ou dor menor. Graças a Deus, contudo, que, por intermédio de Jesus Cristo, a dor humana foi superada e transformada em vitória para sempre a partir da cruz, símbolo maior do abandono, do sofrimento, da morte.

Martim Lutero disse que devemos ser um Cristo uns para com os outros. Assim o Reino de Deus vai se anunciando como presente desde já entre nós. Ser um Cristo, porém, requer sensibilidade para ouvir aquele que sofre, que geme, que clama. Diante das dores do mundo, Jesus disse que aquilo que fazemos em favor dos que sofrem, é como se o fizéssemos ao próprio Cristo. Nesse sentido, se “a dor ensina a gemer”, então o clamor atendido, a dor aliviada, ensina muito sobre o Reino de Deus.

Sim, nosso mundo tem salvação. Minha dor tem fim. Tua dor, também. Porque Jesus Cristo é a nossa cura.

Ricardo Fiegenbaum, jornalista e teólogo
Assessor do Departamento de Diaconia

TÉCNICA:

Material

Pedras de tamanhos e formatos diferentes que caibam na palma da mão.

Procedimento

Cada participante recebe, na entrada, uma pedra que deve ficar segurando na mão.

A pessoa responsável pela coordenação do encontro propõe um diálogo sobre as pedras que cada qual segura.

Pode-se descrever formatos, peso, tamanho, superfície. Pode-se perguntar o que acontece quando apertamos a pedra com a mão. É importante deixar que cada pessoa tenha oportunidade de se manifestar.

Depois desse primeiro diálogo, a coordenação lê o texto *Tua dor. Minha dor*, que está ao lado.

Em seguida, divide o grupo em pequenos grupos para conversarem sobre o que a pedra tem a ver com a dor de cada um. Pode-se pedir que as pedras sejam trocadas entre os participantes para que sintam as diferenças.

Nos grupos, ao encerrar a reflexão, dá-se um tempo para orações pela dor uns dos outros.

De volta ao plenário, o grupo conversa sobre as ações que pode fazer em favor das pessoas que sofrem na comunidade ou na cidade. Pode-se motivar essa reflexão perguntando-se o que podemos fazer com as nossas “pedras”

No final do encontro, cada qual pode levar consigo a pedra que ganhou no início do programa ou a pedra que alguém lhe partilhou.

